

CAPA

Uma roubada prevista

BOLSONARO E GUEDES ENTREGAM O PAÍS AOS INTERESSES DOS EUA, ENQUANTO A CHINA FATURA

por CARLOS DRUMMOND

Além de vassalagem desbragada, exacerbações político-ideológicas e o discutível acordo em que Trump apoia o pleito do governo brasileiro de ingressar na OCDE, desde que abra mão da condição de país com tratamento diferenciado pela Organização Mundial do Comércio, Bolsonaro reforçou, durante sua visita aos EUA, a perspectiva de um desastre de grandes proporções e de longa duração na economia. Trata-se do aumento sem precedentes da subordinação do País aos americanos, o que dificultará ao extremo, em um futuro que até por isso vai ficando cada vez mais longínquo, a retomada do desenvolvimento, impossível sem

capacidades empresarial e tecnológica próprias, como mostra o caminho percorrido por todos os países que deixaram o atraso para trás, inclusive os Estados Unidos. “O Brasil está vendendo”, alardeou o ministro da Economia Paulo Guedes, pregoeiro em terra estrangeira

**ACENTUA-SE
A SUBSERVIÊNCIA
E O SONHO DO
DESENVOLVIMENTO
TORNA-SE
QUIMERA**

de bens nacionais inestimáveis aplaudido por investidores e banqueiros sabedores da excelência da mercadoria oferecida a preços baixíssimos: empresas de primeira linha como a Embraer, a terceira indústria mundial de aviões, e a Braskem, uma das maiores petroquímicas do mundo, reservas inestimáveis do pré-sal, gasodutos prontos e amortizados, para citar algumas das transações já realizadas e muito mais, inclusive refinarias, concessões, exploração de urânio e ainda a Petrobras, a maior empresa nacional, e o Banco do Brasil, segunda instituição financeira abaixo só do Itaú, caso prevaleça a intenção declarada pelos seus presidentes, os *Chicago Boys* Roberto Castello Branco e Rubem Novaes, ex-colegas de Guedes, pouco antes do encontro presidencial em Washington.





EVARISTO SAI/AFP E MANDEL NGAN/AFP

A abertura da base de foguetes de Alcântara aos EUA sem reciprocidade no acesso à alta tecnologia dos lançamentos espaciais é um dos desastres da política defendida por Guedes, de oferta do País a estrangeiros

A OCDE, sabe-se, é controlada pelos Estados Unidos e outros países desenvolvidos e impõe aos seus integrantes condições amplas que funcionam como uma camisa de força para as políticas de desenvolvimento e de defesa da economia nacional, situação bem resumida nesta publicação do site Economia Brasileira, a respeito do acordo feito em Washington: “As implicações para as possibilidades de realizar alguma política industrial e tarifária e regulação da conta financeira são devastadoras. O Brasil perde o *status* de nação em desenvolvimento, ou seja, a capacidade

de ficar fora de algumas regras gerais da OMC ou de ter mais tempo para se adaptar. Por sua vez, perde a capacidade de fazer acordos bilaterais ou regionais que não envolvam pelo menos 85% dos bens produzidos no País. Além disso, pelas regras da OCDE, tem de abrir ainda mais a conta financeira do balanço de pagamentos. A pergunta é: qual será o ganho? O *status* formal de país desenvolvido. Ora, mas isto o México e a Colômbia possuem. E daí?"

Segundo diplomatas experientes, não era mesmo de esperar sequer resultados razoáveis de uma viagem precipitada e mal preparada, com grande chance de a primeira potência obter concessões inestimáveis, como acabou de fato acontecendo no mencionado acordo que envolve a OCDE e a OMC, na abertura da base de foguetes de Alcântara para os Estados Unidos sem reciprocidade no que se refere ao acesso, pelos brasileiros, à alta tecnologia envolvida nos lançamentos espaciais e no oferecimento, por Bolsonaro, do País para a escalada americana sobre a Venezuela, contra a vontade dos generais que compõem o seu governo. A perspectiva da entrega total do destino da nação aos EUA confirmou-se quando o capitão reformado resolveu de improviso visitar na segunda-feira 18 a Central Intelligence Agency (CIA), quartel-general da preparação de invasões de países e golpes como o do Chile em 1973 e que, devido a essa tradição tenebrosa, é repelida com vigor por estadistas mundo afora. Na pauta com a CIA, segundo divulgaram os jornais, o capitão incluiu a Venezuela.

Bolsonaro visitou Trump em um momento complicado para os governos de ambos e o foguetório anticomunista e antivenezuelano disparado pela dupla talvez funcione ao menos por um tempo para desviar a atenção dos respectivos eleitores em relação aos graves problemas que os afligem. O anfitrião continua

ameaçado de *impeachment*, o crescimento dos EUA está limitado pelo baixo investimento e a persistência da desigualdade e ainda pela disputa econômica e tecnológica com a China, que acaba de liderar a interdição mundial dos modelos 737 MAX 8 da americana Boeing depois de dois acidentes fatais em cinco meses. O visitante enfrenta crise ministerial permanente e a erosão da Lava Jato, operação que foi a base da sua campanha e notabilizou o seu ministro mais popular,



Novae e Castello Branco disseram que, se pudessem, venderiam no ato as empresas que presidem, o Banco do Brasil e a Petrobras

não consegue movimentar a economia atolada na estagnação e no desemprego de 12%, aposta todas as fichas na privatização e na desnacionalização sem limites e numa reforma da Previdência tida como salvadora da economia, mas que terá, caso seja aprovada pelo Congresso, o aumento da pobreza como único efeito garantido e viu-se obrigado a recuar, ao menos por enquanto, da campanha anti-China depois das pressões de representantes do agronegócio, economistas e políticos.

O risco de submissão sem quartel aos EUA era temido até por integrantes da comitiva que estavam apreensivos, segundo relatou o jornal *Valor*, com a possibilidade de o capitão entregar os pontos, por exemplo, na questão crucial em disputa pelos blocos geopolíticos estadunidense e chinês, que é a tecnologia 5G, de altíssima velocidade e eficiência em telefonia e comunicação de dados em geral e na fabricação de armamentos também. Os Estados Unidos estão para perder ou já perderam a liderança global para a China nessa área, diz a crônica especializada, e Trump pressiona países de todos os continentes a recusarem a tecnologia 5G da chinesa Huawei e a adotarem uma das opções oferecidas por empresas americanas.

O assunto não fez parte dos entendimentos anunciados provavelmente para não agravar os problemas de Estados Unidos e Brasil com Pequim. Bolsonaro e seu ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, empenharam-se em ataques frequentes à China, o mais importante parceiro comercial e investidor externo, com evidente motivação anacrônica anticomunista, e a conta começa a chegar. No começo do mês, segundo noticiou a *Folha de S. Paulo*, Pequim não fez o primeiro desembolso previsto de recursos do Fundo de Cooperação Brasil-China para a Expansão da Capacidade Produtiva, constituído com 15 bilhões



de dólares em recursos chineses (o governo Bolsonaro entraria com 5 bilhões), e que já começara a receber projetos para seleção de propostas de investimentos em tecnologia, indústria, infraestrutura, logística e agronegócios. Na terça-feira 19, a China recusou proposta do Ministério da Agricultura para autorizar mais frigoríficos brasileiros a exportar para aquele país e frustrou empresas líderes do setor, como JBS e Marfrig, visitadas no fim do ano por funcionários do serviço sanitário chinês para inspeção e liberação da importação de carnes. De acordo com o jornal *Times*, de Pequim, houve forte redução da perspectiva de compra da soja brasileira neste ano, dos 83,8 milhões de toneladas previstos em dezembro para 70,1 milhões, declínio atribuído pela publicação ao aumento das importações

ENQUANTO TRUMP E BOLSONARO AGITAM SEUS PÚBLICOS, A CHINA FAZ POLÍTICA EM ALTO NÍVEL

feitas dos EUA e confirmado por entidades do setor. Como confusão pouca é bobagem para a equipe atual, o ministro da Economia disse a uma plateia de empresários e investidores em Washington que “a China gera um ‘mal-estar na civilização ocidental’”, ataque depois atenuado com a sugestão de os americanos imitem os chineses na economia.

A China segue o estilo de Chu En-Lai, ao centro com Nixon na primeira visita de um presidente dos EUA a Pequim, em 1972

Enquanto Bolsonaro cedia e Trump avançava, a China cuidava de fazer política, investimentos e diplomacia em grande estilo na tradição inaugurada por Chu En-Lai, líder do Partido Comunista Chinês desde a fundação da República Popular da China, em 1949, primeiro-ministro responsável pela aproximação entre Estados Unidos e China que culminou na histórica visita do presidente americano Richard Nixon a Pequim, em 1972. O exemplo mais importante do exercício do *soft power* ou poder brando neste momento é a visita prevista para este mês do presidente Xi Jinping à França, Itália e Mônaco, entendida por vários especialistas em



Nas quedas do Boeing 737 MAX 8, parece que a falha foi do modelo americano de estado mínimo e empresas com poder máximo

relações internacionais como a abertura de temporada de intensa diplomacia entre a Europa e a China, justo quando Washington volta a ameaçar com a imposição de restrições às importações de veículos europeus em resposta à recusa europeia de celebrar um acordo comercial amplo com os EUA e a Alemanha ensaia retaliar o país de Trump, atolado na guerra comercial que iniciou. Um dos objetivos de Xi é estender à Europa a Nova Rota da Seda (Belt and Road Initiative), plano lançado pela China em 2013 com investimentos previstos de 1 trilhão de dólares e que só no ano passado gerou trocas comerciais de 1,3 trilhão de dólares envolvendo mais de 70 países. O périplo de Xi, e este é outro movimento importante no tabuleiro de xadrez



Xi aproveitará o recuo americano para levar à Europa enfurecida com os EUA a proposta de integrá-la à trilionária Nova Rota da Seda

pequês, coincide com o interesse de Trump em abrandar temporariamente o conflito sino-estadunidense na tentativa de aumentar as chances de ser reeleito.

Personagem de grande envergadura no cenário do encontro de Bolsonaro e Trump, a China avança, enquanto o modelo estadunidense de capitalismo faz água, mostra entre vários exemplos a crise da estadunidense Boeing, maior fabricante mundial de aviões, após duas quedas do modelo Boeing 737 MAX 8 em menos de cinco meses com centenas de mortos, a primeira em um voo da Lion Air na Indonésia e a mais recente no domingo 10, pouco após a decolagem de um aparelho da Ethiopian Airlines em Adis-Abeba, capital da Etiópia, sem sobreviventes nos dois desastres. A imprensa dos Estados Unidos acusou o órgão regulador

BOEING E ANDREA VERDELLI/AFP